

DO PONTO DE PARTIDA A LINHA DE CHEGADA: UMA ANÁLISE DOS ELEMENTOS QUE CONTRIBUEM PARA O MOVIMENTO MIGRATÓRIO DOS GUIANENSES NEGROS EM BOA VISTA/RR

1 Atração e repulsão: elementos que contribuem para a migração

Este trabalho tem por objetivo principal expor uma reflexão acerca do movimento migratório dos guianenses negros para Boa Vista/RR a partir dos elementos que contribuíram para a migração desses agentes sociais para a cidade em questão. Para tanto, iniciamos nossa abordagem partindo do princípio hermético de que migração se constitui de uma ação que abrange tanto o ato da partida quanto o da chegada, na qual o lugar de origem tem tanta importância quanto o lugar de destino. Nesse sentido, cabe ressaltar que esta tentativa teve como base entrevistas e depoimentos coletados em campo, no ano de 2006, na cidade de Boa Vista, capital de Roraima.

O estado de Roraima é historicamente novo. Ele passou de território para estado em 1991. Com sua transformação em estado houve uma grande onda migratória. Vale lembrar que anteriormente, na década de 80, Roraima já reunia um grande número de migrantes que vieram em busca das riquezas disponíveis nos garimpos da região. Esta transformação implicou em um movimento migratório interno¹ muito intenso, trazendo não só garimpeiros, mas pecuaristas e agroindustriais (BAINES, 2006). Esta migração superou as fronteiras interestaduais, atingindo níveis internacionais. Pessoas de países vizinhos se deslocaram para o estado de Roraima e, conseqüentemente, para sua capital, Boa Vista.

A cidade de Boa Vista é o reflexo de um estado que “(...) está localizado, em sua totalidade, na faixa oficial de fronteira internacional do Brasil” (FERNANDES,

1 Conforme Beaujeu-Garnier (1980, p. 210), migração interna é quando os migrantes “não atravessam fronteiras internacionais, contentando-se com movimentar-se dentro de seu país”.

* Alunos do Mestrado Interinstitucional em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, em parceria com a Universidade Federal de Roraima - UFRR

2003, p.23). Assim sendo, impossível de se pensar em Boa Vista sem um contingente razoável de estrangeiros e em um espaço de construção de identidades que fogem aos modelos pré-estabelecidos. De um lado, nós temos a República Bolivariana da Venezuela e do outro, a República Cooperativista da Guiana; além de existir mais de 10 grupos indígenas, que estão em constante contato com a cidade de Boa Vista.

Apesar deste trabalho não seguir, religiosamente, a linha de uma antropologia da fronteira proposta por Cardoso de Oliveira (2005, p.14), acreditamos na pertinência da seguinte citação:

É assim que em ambos os lados da fronteira pode-se constatar a existência de contingentes populacionais não necessariamente homogêneos, mas diferenciados pela presença de indivíduos ou grupos pertencentes a diferentes etnias, sejam elas autóctones ou indígenas, sejam provenientes de outros países pelo processo de imigração. Ora, isso confere à população inserida no contexto de fronteira um grau de diversificação étnica que, somado à nacionalidade natural ou conquistada do conjunto populacional de um e de outro lado da fronteira, cria uma situação sócio-cultural extremamente complexa.

“Vim para Boa Vista é uma longa, longa história” (sic), esta citação foi retirada de uma das entrevistas realizadas no ano de 2006. Geralmente, a decisão de migrar é tomada com base em motivos externos ao indivíduo. Não é apenas uma vontade, um querer; são situações que, muita das vezes, envolve questões políticas, econômicas e culturais. Nesse sentido, destaca-se a parte histórica deste trabalho, na medida em que oferece um panorama da situação do lugar de origem do nosso ator social. Assim, de certa forma poderemos verificar os motivos que levaram os entrevistados a tomar a decisão de migrar para Boa Vista.

Ianni (2004) em “Uma longa viagem”, como muitos outros autores, indica pontos que contribuem para a tomada da decisão de migrar. Eles variam desde questões pessoais às situações políticas, econômicas e sociais: “estão metidos em situações e acontecimentos, guerras e convulsões sociais, lutas políticas e revoluções, carências e esperanças” (p.160). O que não seria diferente com os migrantes guianenses, pois eles enumeram as mais diferentes situações que os fizeram migrar, como veremos a seguir em um dos trechos de uma entrevista gravada em 2006 com o Sr. João:

[...] eu estava no garimpo na época, eu era garimpeiro e aí todo mudo falava “oh, o Brasil está bem aí!” (o entrevistado abaixou o volume da voz como se estivesse contando algum segredo) Aí eu disse é mesmo! Aí era época, essa época aí de junho, julho aí deu uma lavagem mesmo com uma água lál (o entrevistado sorriu) Como foi agora invadiu a minha casa. Aí eu disse puxa, sabe que é... a única solução é pra vim pro Brasil inclusive (sic).

Pode-se verificar de imediato, que o fator influenciador foi climático. Somente após um fenômeno natural, que desencadeou a perda de algum bem material e, talvez a perda da esperança de algo melhor, foi que este ator social migrou. Giddens (2004) em uma de suas colocações sobre a migração cita as situações climáticas como um dos motivos pelos quais há deslocamento de pessoas, ou grupos para outros países. De forma singular, Hall (2003, p.28) cita outros elementos que contribuem para decisão de migrar: “[...] a pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar [...]”.

O que é preciso ter em mente é que nunca os fatores de tomada de decisão estão sós e que, também, nunca deverão ser isolados, pois se tornam insuficientes para uma análise comprometida com a seriedade do estudo. Assim sendo, ocorre uma inter-relação do externo para o interno, do macro para o micro, não que seja apenas numa relação dicotômica, mas que envolve vários níveis de análise. Beaujeu-Garnier (1980) trabalha isto em sua obra “Geografia de população”, quando discorda de alguns estudos sobre migração, que consideraram apenas a questão econômica:

Parece, entretanto, difícil aceitar tal asserção categórica pois os fatores psicológicos exercem papel saliente, papel às vezes vital, e, de qualquer maneira, mesmo numa decisão provocada por fatos econômicos bem definidos, encontra-se também algum outro aspecto, do qual o próprio indivíduo mal percebesse mas que exerceu seu papel no movimento final de decidir. Não devemos, naturalmente, procurar isolar os dois fatos – econômico e psicológico – e sim, pelo contrário, deveríamos esforçar-nos para mostrar suas íntimas interpenetrações (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p.245).

Esta questão é complexa. Apesar de não ser confiável dissociar os fatores que contribuem para a tomada de decisão, é possível verificar a ordem de importância em que eles aparecem no discurso desses agentes sociais. O motivo econômico, geralmente é o primeiro que aparece: “[...] primeiro coisa, eu vim aqui em Boa Vista porque atrás de emprego, para melhorar, melhorar a minha vida. Aí vem aqui começo para trabalhar, volto para Guiana, volto aqui de novo, aí fica aqui mesmo porque gostava, para trabalhar(sic) (Pedro, junho de 2006)”, seguindo esta mesma linha, Maria diz: “oportunidade, porque no meu país eu [...] eu não trabalhava, a gente não tinha assim uma vida estável, então eu achei que Boa Vista seria este ponto ideal para nós, para minha família²”, ela afirma o que foi dito no início deste parágrafo. Tudo é muito escorregadio. A mesma entrevistada quando é perguntada sobre a situação étnica em seu país diz o seguinte:

² Existe, porque lá tem os africanos e tem os indianos e... muito coisa que eu não to sabendo
2 Entrevista concedida em junho de 2006.

é porque eu não estuda, eu acho que eu não quero saber de muita coisa, mas as pessoas lá, os negros tem muito preconceito em si e eles tem esse intriga entre os dois, porque os negros foram lá como escravos, já os indianos elas foram lá trabalhar e depois de um certo trabalho, depois de um certo tempo de trabalho daria terras para eles. Então, a maioria das pessoas lá no meu país quem tem terra, quem tem as riquezas são os ... as pessoas indianas, ai os negros acham, não acham direito que os indianos tenha tudo isso e que eles não tem nada, dá certa revolta nos negros porque sofreram tanto e ainda sofrem, mas eles tem que pensar bem que não foram os indianos que colocaram eles na situação onde eles estão, tenta melhorar, tenta tocar a vida, esquece o que passou para trás (sic).

Não se busca deturpar o discurso da entrevistada, muito menos dobrá-lo para que se encaixe na explicação. Já existe muita discussão sobre a pretensão de se querer enquadrar o objeto à teoria. Aqui se pretende observar alguns pontos de ligação. No final da citação acima, a entrevistada tenta desempenhar um papel de uma estrangeira para com os seus semelhantes “aí os negros acham”. Talvez para demonstrar que nunca concordou com a atitude dos demais para com os indo-guianenses. Todavia, no final ela acrescenta “tenta melhorar, tenta tocar a vida, esquece o que passou para trás”, ou seja, será que a tomada de decisão dela tem haver com a tentativa de fugir daquela situação de enfrentamento étnico? O período em que a referida entrevistada migrou para o Brasil coincide com a tomada de posse do governo guianense pelos indo-guianenses. Esses fatos ligam o discurso e o processo político-étnico na Guiana.

A maioria dos entrevistados migrou para o Brasil depois que os indo-guianenses assumiram o poder, no início da década de 90 do século passado. Isto é perceptível no trabalho de Baeninger (2002), quando apresenta um quadro que indica a evolução da migração de guianenses para o Brasil a partir de 1970 com 364; em 1980 com 696 e; em 1991 com 1131, aumentando praticamente o dobro da década anterior. Em processos migratórios, como foi visto, o todo pode influenciar a parte, assim como a parte pode influenciar o todo. A Guiana passou por um processo de formação muito complexa, com uma distinção de grupos étnicos muito acentuada que não se pode ignorar. Se a entrevistada pontua a divisão entre estes dois grupos – sendo que há hostilidades entre eles – e ao mesmo tempo tenta esquecer, aconselha esquecer. Dessa forma, se pode retornar ao pensamento de Beaujeu-Garnier, pois a decisão não partiu somente do econômico, mas também do psicológico.

Pode-se verificar este fenômeno localizado da migração de negros guianenses para Boa Vista, sob a ótica da economia global. A globalização da economia está despertando uma onda de migração de trabalhadores pelo mundo, em busca de bens e serviços, sobretudo de mercados de trabalho (WOODWARD, 2000). Nesta,

a discussão segue para uma linha de raciocínio, na qual existem dois pontos para a tomada de decisão de migrar: a expulsão e a atração, “a migração é um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento. Nesse processo, o fator de ‘expulsão’ dos países pobres é mais forte do que o fator de ‘atração’ das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas” (WOODWARD, 2000, p.21). O único problema nessa visão é que ela percebe os migrantes como coadjuvantes da mudança e não como sujeitos atuantes.

Em uma linha em que os migrantes são vistos como sujeitos, Beaujeu-Garnier (1980) afirma existir os tais fatores que repelem e os que atraem, no entanto, acrescenta o fator psicológico que os permeiam:

Uma causa de partida não é em si mesma suficiente, deve haver também algo para atrair os imigrantes. O fator de atração pode ser real ou imaginário, e é também nisso que se fundem os aspectos psicológicos e econômicos; a atração da cidade pode corresponder a uma realidade, significando menos trabalho árduo, salários mais regulares e melhor padrão de vida, mas quase sempre acontece ser isso simplesmente miragem e a verdadeira situação ser, simplesmente, outra forma de luta contra pobreza (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p.249).

Realmente, criam-se perspectivas boas sobre o local de destino que somadas as más condições do local de origem, contribuem na tomada de decisão de migrar, o que pode ser visto no discurso de Maria “(...) então objetivo de lá era para mim vim (para Boa Vista) fazer trança, lá eu não trabalhava também”³ (sic). Ou seja, a sua escolha estava entre ficar em seu país sem uma perspectiva de emprego, ou vir para Boa Vista, onde a possibilidade de desenvolver a atividade de trançar cabelo era mais consistente, assim pode-se dizer que ela estava sob a pressão dessas duas forças.

Torna-se pertinente informar que estes fatores foram pensados por um alemão chamado Ravenstein, no final do século XIX. Ele os pensou como base para possíveis “leis da migração”, que abordaria os movimentos populacionais conforme os fatores relacionados aos lugares de destino e de origem. Já em meados do século XX, o americano Everett Lee acrescentou aos fatores “push-pull”, os “obstáculos intervenientes”, bem como os fatores pessoais para dar respostas a questões tão variadas referentes ao fenômeno da migração. Assim, o modelo de repulsão e atração tornou-se um marco para os estudos migratórios, sendo utilizados em níveis de análises macro e micro (ROCHA-TRINDADE, 1995).

Pereira (2005), quando em seu trabalho trata do trânsito de pessoas na fronteira entre Bonfim (Brasil) e Lethen (Guiana) deixa a entender que esta movimentação

3 Entrevista concedida em junho de 2006.

ocorre por dois principais motivos, “busca de serviços públicos e de relações mais estáveis de comércio e de trabalho”, onde conclui que é “devido à crise econômica estabelecida” (p.14) naquele país que se dá este movimento na fronteira. Há uma força de atração que leva as pessoas cruzarem a fronteira e ao mesmo tempo, uma força de repulsão reconhecida na situação econômica do país.

Os fatores pessoais se mesclam, de certa forma, com a situação econômica que, quando perguntamos a um dos entrevistados o motivo pelo qual migrou, a resposta quase de imediato remeteu-se a questão econômica. Entretanto, mais adiante, no desenrolar da entrevista, o mesmo revela uma informação preciosa. A tomada de decisão de migrar tinha estreita relação com motivos sentimentais: “lá eu tava com a vida boa. Só porque a mulher entra na minha vida estraga tudo, a mãe da minha filhas. Por isso que eu fui no garimpo⁴”. Somente após ir para o garimpo que ele decide migrar para Boa Vista. Ele continua dizendo:

Esse mulher coolie eu morar com ela 12 anos, né. Mas ela nunca conseguiu ficar grávida. Aí essa outra mulher entrou na minha vida, aí ligeiro barriga! [...] Rapaz! Eu tava com um comércio, com uma oficina de moto [...] eu tava na boa. Aí eu ia no garimpo pra vê se eu abria um negócio no garimpo. Aí eu passo 6 meses. Quando eu volto não tem nada! Nada! Nada! Nada! Ela gasta tudo com outro peão [...] Rapaz, eu volto para o garimpo só pra ficar longe dela. (sic)

Estes tipos de relatos pessoais são muito importantes, pois demonstra como são amplos os fatores influenciadores na tomada de decisão de migrar e que estes sujeitos, além de buscarem um destino, possuem um passado, uma história, um lugar de origem que deixaram por escolha ou por imposição dos mais variados motivos.

O modelo de atração-repulsão também reconhece a distância do trajeto como um elemento importante para o ato de migrar. Em vários estudos de mobilidade entre fronteiras, foi identificada como elemento impulsionador da corrente migratória, entre países vizinhos, a proximidade das fronteiras.

Quando João migrou para Boa Vista, ele teve como fator motivador a perda de seus bens devido a uma reação climática. No entanto, se for verificado a questão da distância entre o local de origem e do destino, perceberá a relativa proximidade, pois o percurso foi feito a pé: “Eu não sabia que a capital era Boa Vista, de Roraima, né! Aí eu disse puxa vamos lá! Aí eu cheguei aqui andando nove dias de lá de Guyana, de la Guyana de fronteira para fronteira de Mutum. Aí eu vim bater aqui” (sic) (João, junho de 2006). Em conversas informais, verificou-se que da capital da Guiana – Georgetwon – para Boa Vista a viagem de ônibus dura aproximadamente 12 horas.

4 Roberto, entrevista concedida em março de 2008.

Ou seja, a distância e facilidade de acesso ao Brasil são elementos importantes para a decisão de migrar, assim como os outros fatores já citados, sejam de ordem política, econômica, psicológica ou climática.

2 Algumas dificuldades enfrentadas

2.1 O idioma

A República Cooperativista da Guiana sofre de uma alta taxa de emigração. Desde sua independência ocorreram várias correntes imigratórias, mas geralmente todas foram direcionadas a Europa (Inglaterra) ou ao norte do continente Americano: Estados Unidos e Canadá⁵. Lugares esses que apareceram no depoimento de Carlos, quando questionado sobre os países que receberam maior número de guianenses: “Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Caribe e Brasil agora abriu as portas para a Guiana”⁶.

Este fenômeno não parece estranho, uma vez que, a maioria dos países citados tem como idioma oficial o Inglês, língua falada por estes agentes sociais que impulsionados por fatores econômicos ou psicológicos buscaram melhores condições de vida. Contudo, este mesmo elemento (o idioma) que facilita o deslocamento transcontinental e intercontinental é uma das barreiras enfrentada quando a corrente migratória toma outra direção, como no caso entre Brasil e Guiana: “de jeito nenhum! (risos) Português que eu sabia falar era ‘vem cá!’ e água. Aí depois eu aprender ‘o senhor tem trabalho?’ (risos) Eu já sabia sim ou não, aí quando tem eles diz sim, quando não eles diz não. Aí daqui pra lá convivendo com todo mundo e tal, aí começou a falar um pouco, até agora estou aprendendo” (sic) (João, junho de 2006).

A princípio, todos os entrevistados citam o idioma como o maior obstáculo enfrentado, pois dependem dele para as relações de comércio, de trabalho e pessoais. A falta do conhecimento da língua ocasiona certas situações de mau entendimento, de preconceito e intolerância. Como no caso em que um dos entrevistados relatou que ao tentar se comunicar com uma criança, o pai da mesma reagiu de forma agressiva e explosiva, faltando pouco para agressão física.

5 Ver Almeida. Até o Tacutu nos separa: um estudo acerca da relação entre a política externa brasileira e a política de segurança pública na fronteira Brasil – Guiana, 2007, p.06.

6 Entrevista concedida em março de 2008.

2.2 Situação de indocumentado

A situação de “indocumentado” também é um dos obstáculos mencionados pelos entrevistados. Pois, esta situação dificulta o acesso a certos benefícios. O senhor Roberto relatou em uma das várias conversas que, estava fazendo tratamento de controle de tuberculose em Manaus e que, a cada três meses retornava à cidade para dar continuidade ao tratamento. Segundo Roberto, este tratamento seria custeado pelo Sistema Único de Saúde – SUS. Contudo, ele teve problemas em sua documentação, faltava um item, assim impossibilitando a este órgão cobrir os gastos referente ao tratamento. Se não fosse pela atitude de um médico em pagar o tratamento, Roberto diz que teria morrido⁷. Maria confirma esta dificuldade referente a documentação:

A dificuldade é assim para resolver coisas, documentos essas coisas eu acho que muito difícil para mim que tenho 15 anos quase no Brasil, que eu já fui dois vezes para pedir a permanência, sair dois vezes. A primeira vez eu não peguei, por causa de meu companheiro que não queria ficar, mas na segunda vez saiu não me comunicaram que saiu, ai eu perdi. Agora estou batalhando novamente e é uma burocracia muito grande, eu acho que esse é um ponto muito difícil⁸. (sic)

2.3 Não reconhecimento da educação

Outro ponto considerado como fator de dificuldade é o não reconhecimento da educação. Na República Cooperativista da Guiana, como já vimos no capítulo I, o idioma oficial é o inglês, portanto, o aprendizado nas escolas se dá através deste idioma, por sua vez, não é reconhecido aqui no Brasil. Fator que influencia diretamente na vida do migrante guianense negro. Dos oitos entrevistados sete possuíam - o que chamamos no Brasil de - ensino médio completo e um o nível superior, no entanto, desempenham funções estigmatizadas, como podemos verificar na fala de Carlos: “[...] Então, os guianenses que vem pra cá, a maioria são da região sul do país da Guyana, e o fato que não tem a educação reconhecida aqui no Brasil, acaba sendo empregadas, peões nas fazendas, pedreiros. Ah, ‘what’ empregos que aqui no Brasil, aqui em Boa Vista é visto como que tem menos glória [...]”⁹. (sic)

7 Caderno de Campo, 15 de março de 2008.

8 Entrevista concedida em junho de 2006.

9 Entrevista concedida em março de 2008.

2.4 Esquemas tipificadores

O desempenho de funções estigmatizadas por esses sujeitos é possível de ser verificada empiricamente em alguns lugares da cidade de Boa Vista como oficinas, mecânicas, salões de beleza, feiras, em frente de locais de festas. Em sua grande maioria compoem o mercado de trabalho informal. Eles vendem bebidas, comidas, bombons, produtos de higiene, para cabelos entre outras coisas. Entretanto, esses são os mais visíveis dessa categoria. Não podemos ser ingênuos, ou omitir neste trabalho que existem outros que desenvolve outras atividades ou que até mesmo estão empregados no serviço público. No entanto, mesmo os não expostos como os expostos, eles não possuem uma visibilidade. Na verdade, criou-se um estereótipo do guianense negro, uma imagem genérica do “inglês”, do “my friend”¹⁰ que representa a todos. Imagem essa, ligada a notícias correntes na imprensa local, como assaltos, tráficos de drogas, estupros, gerando uma identidade nacional desprestigiada.

Estes fatores tornam-se tão importantes quando aparecem na fala dos sujeitos. Na entrevista concedida pelo Sr. João¹¹ apareceu o seguinte relato:

[...] É só que não é todo que precisam viver pelo lado sociais, social. Mas olha, é o seguinte o pessoal pensa quando for para Guiana, que Guyana é um país de drogas, que é inadequado, que vem muito maconha de lá e tudo mais, mas é o que você vai procurar. Se você vai em qualquer país e você procurar droga você acha, ate porque aqui em Brasil em todo lugar. Bom, o Brasil para os Guyaneses é um bom lugar, especialmente aqui em Boa Vista e, aceitam muitos guyaneses aqui, porque alem desse preconceito que a gente sofreu é porque muitos negros guyanês já veio aqui em Boa Vista/Roraima e fizeram muita besteira. Então, os que estavam de autoridades, eles acham porra, que aquele ali é outro! [...]

Nesse relato, Sr. João deixa bem claro o tratamento e os obstáculos que ele teve que superar devido aos estereótipos¹² que os nacionais formularam referente à Guiana e aos guianenses. Para Goffman (2007), os indivíduos buscam informações uns dos outros para que possam saber a melhor forma de agir e interagir, quando não se tem uma informação prévia ou um mecanismo que possa transmiti-la, pode ocorrer a situação relatada por Sr. João. Para estes casos, o mesmo autor diz o seguinte: “se o indivíduo lhes for desconhecido, os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior

10 Termo utilizado para designar um guianense negro.

11 Entrevista concedida em junho de 2006.

12 “Estereótipos são clichês, chavões que são repetidos sem serem questionados. O estereótipo parte de uma generalização apressada: toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só indivíduo.” (BERND, 1994, p.13).

que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este que está diante deles ou, o que mais importante, aplicar-lhe estereótipos não comprovados” (idem, p.11). Berger e Luckmann (1985) acrescentam dizendo que isto faz parte de esquemas tipificadores anônimos, pois se distanciam de uma interação face a face, parando numa interpretação da conduta como resultante da própria tipificação, ou seja, de quadros elaborados para identificar certos sujeitos.

É importante entender que as relações que se dão dentro dos esquemas de tipificações não estão para explicar somente casos de estereótipos, mas como forma de explicar a realidade social da vida cotidiana. Pois segundo os mesmos autores, a sociedade é feita da soma dessas tipificações. A questão de estereótipo está relacionada com a identidade e diferença que, por sua vez, somam-se as dificuldades enfrentadas por esses agentes sociais neste novo espaço de convívio.

Considerações

De acordo com a pesquisa realizada, foi possível perceber que sentimentos, vontades, desejos e esperanças contribuem para a tomada de decisão de migrar. Não é só a questão econômica. Existe um passado por trás, uma história singular que o movimenta até atravessar as fronteiras regionais, nacionais, internacionais, culturais, políticas entre outras e; que nesse processo, o passado histórico serve como uma base de símbolos, um estoque de significados, orientados e manipulados para as exigências do presente no lugar de destino.

Observou-se que é por meio desse passado que as relações sociais são percebidas nesse novo espaço de convívio por estes agentes sociais. Que ora lhes apresentam como relações de conflitos, preconceitos e discriminações, ou, simplesmente como uma relação de indiferença.

Referências Bibliográficas

BAINES, Stephen Grant. A fronteira Brasil-Guiana a partir de perspectivas dos índios Macuxi e Wapichana. In: ROCHA, Leandro Mendes (Org.). *Etnicidade e nação*. Goiânia: Cànone Editorial, 2006. p.85-97

BEAUJEU-GARNIER, J. *Geografia de população*. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. 2ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1980

BAENINGER, Rosana. *La migración internacional de los brasileños: características y tendencias*. Santiago de Chile: Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía\ Naciones Unidas, 2002. (seri Población y Desarrollo 27)

- BERND, Ziliá. Racismo e anti-racismo. São Paulo: Editora Moderna, 1994. (coleção polêmica)
- BERGER, Peter L.; LUKMAN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad.: Floriano de Souza Fernandes. 26ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. (antropologia, 5)
- FERNANDES, Pedro. *Caracterização Geográfica da faixa de Fronteira Continental Norte*. Monografia submetida ao Departamento de Geografia como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.
- GIDDENS, Anthony. Raça, etnicidade e migração. In: _____. *Sociologia*. 4ª. Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p.244-281.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 14ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- IANNI, Octavio. *Uma longa viagem*. In: Revista Tempo Social. São Paulo: USP, 2004. p. 153-166.
- PEREIRA, Cunha Mariana. *A Ponte imaginária: o trânsito de etnias na fronteira Brasil-Guiana*. Tese apresentada ao CEPPAC/ UnB, como exigência parcial para obtenção do título de doutor em Antropologia. Brasília, 2005, p. 172.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz et al. *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p.7-72.